



Ano 1 - Nº 5 - Mar/04

## Busca

Índice

[Índice](#)

Envie seu artigo

[Envie seu artigo](#)

Cadastre-se

[Cadastre-se](#)

Fale conosco

[Fale conosco](#)

Como anunciar

[Como anunciar](#)

Edições anteriores

[Edições anteriores](#)

Sala de imprensa

[Sala de imprensa](#)



## Golpes de mestres

**capoeira** ficou com a fama de enfrentar a polícia e a ordem no Rio de Janeiro escravista, mas muitos de seus seguidores se tornaram capangas dos grupos políticos conservadores no século XIX.

Carlos Eugênio Libano

Centro da cidade do Rio de Janeiro, cerca de 1886. Na esquina da Rua Senhor dos Passos com Rua São Jorge - atual Gonçalves Ledo -, a concentração de pessoas indicava que ali haveria uma grande "função", como se chamavam as festas populares no Rio dos idos do final do século XIX. Estas casas eram conhecidas naquele tempo como *maxixes*.

Ali se encontravam trabalhadores, quitandeiros, feirantes, estivadores, rameiras, todos os tipos populares da Corte imperial. Mas entre todos eles alguns se destacavam pelas vestes características e o andar maneiroso: os **capoeiras**. Naquele salão, três eram especialmente conhecidos pelos apelidos: *Biju*, *Coruja* e *Lagalhé*. Eram parte da gangue ou malta de **capoeiras** que dominava a freguesia de Santa Rita, hoje o entorno da área portuária.

Mas eles não estavam sós. Um membro da *malta* rival que dominava a zona da Lapa, *Fazenda*, os observava. Um gracejo dele com uma mulher no baile - também alvo de flertes do grupo rival - bastou para incendiar a rixa. O *Fazenda*, mesmo encurralado e inferiorizado numericamente, tomou a iniciativa. Girou o corpo com grande rapidez e aplicou com a cabeça um violento golpe no queixo do tal Biju. Era a *chifrada*, na exótica gíria da **capoeiragem** carioca. A vítima foi jogada a dois metros.

Os outros dois logo empunharam as navalhas, arma clássica dos **capoeiras**. O *Coruja* escondia a lâmina atrás das costas e na mão esquerda apontava o chapéu, que servia de escudo. Na mesma posição estava o *Lagalhé*, e ambos cercaram o forasteiro contra a parede. Nisto o Biju havia-se levantado, com o queixo ferido e um dente partido, sangrando.

- *É direito!* - exclamou o derrubado, querendo dizer que o seu adversário era destemido. E saiu da luta tropeçando. Os outros dois continuaram na refrega. Fingiam cutiladas contra o *Fazenda*, para ele se desproteger e ser abatido de vez. Este fez uma *ginga* e aplicou uma soberba rasteira - conhecida naqueles tempos como *caçador* - na perna do *Coruja*. Ele rodopiou no ar antes de cair barulhentosamente ao chão sobre o braço. Neste momento o público da festa assistia a uma autêntica *pegada* de **capoeiras**. Mas *Coruja* rapidamente se levantou humilhado e partiu furiosamente com a navalha para acabar com o tal *Fazenda*.

Enquanto isso *Fazenda* fez três entradas falsas, no que o *Lagalhé* acabou desprotegendo o ventre. Levou um formidável *bute* - pontapé na barriga - e terminou num *banho de fumaça* - que significava tombo. O *Coruja* lançou a navalha. *Fazenda* fez uma *negaça* desviando da faca e deu uma braceada (golpe com o cotovelo) no olho do adversário, que caiu, em definitivo. A polícia já entrava no maxixe quando os **capoeiras** fugiram noite adentro por uma porta dos fundos...

Esta narrativa de uma luta de **capoeiras** no Rio dos finais do século XIX foi resgatada de uma pequena publicação de 1886 quase desconhecida na época: *Os capoeiras*, de Plácido de Abreu Moraes. Ela lança um fecho de luz em uma das tradições mais duradouras da cultura popular da cidade do Rio de Janeiro: a **capoeira**. Na segunda metade do século XIX, a **capoeira** era uma marca da tradição rebelde da população trabalhadora urbana na maior cidade do Império do Brasil, que reunia escravos e livres, brasileiros e imigrantes, jovens e adultos, negros e brancos. O que mais os unia era pertencer aos porões da sociedade, e na última escala do piso social estavam os escravos africanos.

Deles nasceu aquilo que os relatos policiais dos primórdios do século XIX já chamavam de "jogo da **capoeira**", conceituação genérica que englobava turbulentos portadores de facas e exímios praticantes de uma luta marcial pitoresca. Mas nos meados do século esta "arte" tinha deixado seu estrito círculo social e abarcava amplas camadas da plebe urbana do Rio de Janeiro.

Apesar da sua notoriedade no século XIX, a **capoeira** carioca desapareceu das crônicas no século XX, em parte apagada pela versão baiana, dominada pelos mestres Bimba e Pastinha. Desaparecida da memória popular, inicialmente por obra e graça da repressão implacável de Sampaio Ferraz, primeiro chefe de polícia da cidade na era republicana, ela permaneceu oculta por anos dos olhos dos estudiosos da cidade. Só foi possível à nova historiografia escavar camadas e mais camadas de esquecimento ao se voltar para a escravidão urbana das cidades coloniais e do Império.

Na escravidão urbana, a **capoeira** pode ser entendida em suas características fundamentais: controle informal de determinados setores urbanos por grupos de escravos *ao ganho* e uma prática grupal forjadora de novas identidades locais; participação nos conflitos políticos, principalmente nos momentos de desordem social; forte presença dentro dos embates urbanos da escravidão e uma estranha simbiose com os aparatos policial e militar. Os escravos *ao ganho* viviam de vender produtos ou força de trabalho pelas ruas, e pagavam a seus donos uma quantia fixa para terem uma vida autônoma.

Estas características podem ser apontadas para o período pré-1850, mas suas raízes repousam em terreno ainda desconhecido. As origens da **capoeira** se perdem na noite dos tempos. Durante decênios praticantes e estudiosos deram crédito a versões sem nenhum fundamento, como a de que o berço da **capoeira** era Palmares (quilombo de escravos na divisa de Pernambuco e Alagoas, na serra da Barriga), e que ela era a arma dos escravos fugitivos. Estudos atuais apontam a hipótese mais provável de que ela foi o somatório de diversas danças rituais praticadas em um amplo arco da África que abasteceu os negreiros e que se encontraram no ambiente específico da escravidão brasileira. Registros documentários de Angola na era da escravidão revelam práticas lúdicas e marciais tradicionais que se parecem muito com a **capoeira** que chegou com os navios negreiros. Desta forma, a **capoeira** seria um mosaico, formado por diversas danças africanas ancestrais que se teriam amalgamado em definitivo na terra americana.

Documentos históricos brasileiros são insistentes em mostrar a **capoeira** como fenômeno urbano da cultura escrava. As indicações documentais mais antigas remontam ao século XVIII, quando da gênese da vida urbana na colônia. Então podemos afirmar ainda hipoteticamente que o nascimento da **capoeira** se deu nas primeiras grandes cidades do país, Salvador e Rio de Janeiro, ambiente propício, a partir de 1700. Mas as suas raízes se perdem na vastidão das savanas, berço da humanidade. A polêmica dança ou luta é uma falsa questão, porque nas tradições africanas, principalmente entre os povos chamados banto (grande grupo lingüístico que domina a África ao sul da linha do equador) a luta sempre tem características de dança. A **capoeira** moderna junta os dois conceitos.

Outra questão é o lugar de nascimento. Fontes seguras da **capoeira** antiga repousam no Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Luís do Maranhão. Mas estudos regionais no campo da história ainda não existem. É possível datar tão precisamente o nascimento de uma manifestação da cultura?

Os estudiosos até há pouco, ao se debruçarem sobre o mal conhecido fenômeno da **capoeira** no Rio de Janeiro do século XIX, a entendiam dentro do conceito vago e impreciso de "resistência": a forma como as camadas populares enfrentavam o poder das elites. Na realidade, ao mesmo tempo que enfrentava o aparato policial e a ordem escravista, a **capoeira** participava ativamente das lutas políticas dentro dos grupos dominantes, como capangas dos senhores da Corte, e mesmo incorporava termos e trejeitos do vocabulário pedante de juizes e doutores da política da época.

O marco temporal da metamorfose que envolve a **capoeira** carioca pode ser colocado em 1850. Neste ano, o tráfico de escravos da África para o Brasil começou a sua trajetória definitiva de declínio, que também marcou o início do fim da própria instituição escravista. Os escravos africanos iam desaparecendo da cidade, por obra do tráfico interno que os trazia para as fazendas de café, mas também pela morte, que ceifava milhares por doenças, maus-tratos e negligência. Os crioulos (negros nascidos no Brasil) rapidamente alcançam a maioria nas maltsas.

O ano-chave para a **capoeiragem** carioca é 1870. Por muitos motivos a Guerra do Paraguai (1865/1870) foi um divisor de águas na sua história. Arrastados às centenas para o campo de batalha, eles arrancaram pendores de bravura nos combates corpo a corpo, e conquistaram o respeito da oficialidade. Voltaram como heróis. Retomaram o controle dos pontos da malha urbana que haviam abandonado como "voluntários" para lutar no sul.

Não era só um retorno. A elite conservadora, que dominava a vida política da nação, de uma forma ou de outra, se entusiasmara com o fervor marcial daquela gente na frente de batalha. E também se impressionara vivamente com a violência das lutas de rua no retorno dos veteranos. A partir deste momento, por caminhos que permanecem ainda obscuros, os **capoeiras** entraram definitivamente na agenda política da elite monárquica da Corte Imperial do Rio de Janeiro.

A *malta* que se tornou uma espécie de lenda na vida político-eleitoral do Rio a partir deste momento era a *Flor da Gente*. Dominava a freguesia da Glória, área nobre da cidade, onde pontuavam os sobrados, mansões e chácaras da elite fluminense. Em 1872 ela entrou com fúria nos violentos embates que caracterizavam as disputas eleitorais do Império.

Os **capoeiras** levaram para a primeira fila do debate político o nome de Duque-Estrada Teixeira. Filho de tradicional clã político, era um exemplo do jovem criado nas "melhores famílias", mas que se envolvia com o submundo. Apaixonado pela marginal **capoeira**, ele a levou para o seio da boêmia acadêmica da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo.

De volta ao Rio como bacharel, entrou na política. Tomou ódio dos liberais em 1863, quando os conservadores caíram. A vingança veio em 1872. Candidato a uma vaga na Câmara de Deputados pela Corte, desbancou seus adversários com o braço forte dos navalhistas, que colocaram os eleitores liberais para correr. Durante oito anos os "**capoeiras** políticos" - como os denominava a imprensa oposicionista - dominaram os corredores do poder na cidade. Com apoio de poderosos padrinhos, eles se infiltraram na polícia, que passou a não reprimi-los por temor de provocar seus protetores. Na justiça, os processos por agressão e homicídios não prosperavam por medo das testemunhas que temiam as represálias. Eles se tornaram sinônimos de uma máfia eleitoral, espécie de ensaio do crime organizado no imaginário dos pacatos cidadãos de classe média.

A festa acabou em 1878. Os conservadores caíram, levando consigo a camarilha da *Flor da Gente*. A repressão que desabou sobre a cabeça deles foi pesada, mas não conseguiu eliminá-los. Nos dez anos seguintes eles ainda controlaram o mercado da violência política na cidade, até serem destronados de vez pela energia moralista e republicana de Sampaio Ferraz, em 1890.

O ódio entre **capoeiras** e republicanos, que ganhou fama nas façanhas da Guarda Negra de 1889, não nasceu no pós-13 de maio. Em 1873, 15 anos antes, os **capoeiras** já tinham empastelado o jornal *A República* na Rua do Ouvidor,

sede de diminuto clube antimonárquico, atizados pelos seus padrinhos conservadores. Com a repressão de 1890, a **capoeira** no Rio de Janeiro mergulhou no limbo, como uma página sinistra virada pelos cronistas da nova era.

Os **capoeiras** não eram conhecidos apenas no folclore político. A memória popular guardou imagens que retratam a intrepidez, o colorido e a ousadia deles. Ficaram célebres os desafios de tocar os sinos das torres mais altas da cidade com o próprio corpo, arrelia que muitas vezes terminava em tragédia no pó das ruas. As cores de *Nagoas* (branco) e *Guayamus* (vermelho) eram a marca da rivalidade. Muitas vezes inocentes eram confundidos e agredidos nas ruas.

Os meninos pobres ansiavam por pertencer às *maltas* de suas ruas. Ingressavam com cerca de dez anos, e inicialmente carregavam as armas - facas, canivetes, navalhas - para as refregas previamente anunciadas. Depois treinavam em locais determinados. Os *Nagoas* tinham sua escola no morro que dava para a Praia do Russel. Os *Guayamus* preferiam o morro do Livramento (atual Providência). Numa segunda fase eles passavam a ser a vanguarda dos combates, provocando o inimigo. Aqui já ganhavam nomes específicos: entre os *Nagoas* eram os *caxinguelês*. Nas fileiras *Guayamus* eram *carrapetas*.

Com 14 anos já estavam formados. A expectativa de vida destes jovens era pequena, já que a média de idade que emana dos registros da polícia era de 22 anos. Mas alguns faziam carreira. Célebre ficou *Campanhão*, chefe *Guayamu* afamado como "o terror de Santa Rita". Podemos citar outros nomes bizarros que misturaram lenda com realidade e que só foram arrancados do esquecimento por Plácido de Abreu: *Daniel Moleque*, *Pilotinho*, *Trancinha*, *Quebra-Tudo*, *Josué*, *Gary*, *Estudante-Pobre*, *Dente de Brilhante*, *Cabo Velho*... Mas entre todos permanece até hoje o de *Manduca da Praia*. Eternizado por cronistas como Alexandre Mello Moraes, ele era **capoeira** afamado e chefe político das urnas da freguesia de São José. Mas fora das rinhas eleitorais vivia de pequenos golpes, venda de proteção, contrabando, atentados arranjados, tira-teimas com dom-juans empedernidos, além de tráfico de influência e outros crimes.

Quem esperava heróis da população escrava, voltados totalmente para a libertação de seu povo, e inimigos encarniçados do poder senhorial, na certa vai-se decepcionar.

Portugueses e imigrantes também tinham oportunidade nas *maltas*. Lançados aos milhares nas praias do Rio como trabalhadores pobres, muitos, ainda na adolescência, eram facilmente tragados pela cidade grande. Mas os mais espertos ingressavam nas *maltas*, e alguns se tornaram célebres, como o próprio Plácido de Abreu, que depois abandonou a guerra das ruas para tentar as letras. O momento deles se deu quando eclodiu a Guerra do Paraguai. Os mulatos e brasileiros foram detidos as centenas e enviados para a guerra no sul, e em breves anos eles se tornaram os donos das ruas. Com o fim da guerra tudo voltou ao que era, e os portugueses apareciam ocasionalmente nos registros policiais.

Mas sua contribuição foi perene. Antes de sua chegada em massa, o símbolo mais popular da **capoeira** era a cabeçada, golpe comum de escravos desarmados. Mas com o passar dos anos a navalha do lusitano pobre passou a ser ligada à arte. Raul Pompéia, quando apontava a proximidade dos **capoeiras** com o chefe de polícia de Cotegipe, não vacilava em denunciar a "aliança com a navalha".

Esta força cultural e simbólica da marginália era um desafio aberto a uma elite que propunha para os destinos da cidade a modernidade acima de tudo. Com o golpe de 1889, estava aberto o caminho para o moralismo conservador e autoritário de certos intelectuais da classe média, antes alijados pelos políticos populistas do Partido Conservador. Décênios de ressentimento explodiram nas mãos de João Batista Sampaio Ferraz. Filho da oligarquia paulista do café, sentia-se ultrajado com a ousadia destes grupos marginais no coração do Rio de Janeiro, e comandou com mão de ferro a "redenção" da cidade.

Todos foram presos sem distinção de idade, sexo, cor, religião, e mesmo origem social: o herdeiro da maior fortuna lusitana no Rio e do jornal O Paiz foi colocado atrás das grades e deportado num vapor barato. Mas era uma exceção. A grande massa dos encarcerados na vaga repressiva de 1890 era formada de negros, mulatos, pobres, ex-escravos, nordestinos, desempregados, biscateiros, que foram jogados sem dó nem piedade no porão do vapor *Madeira*, e mandados apodrecer no arquipélago de Fernando de Noronha - sem processo, sem condenação, ou qualquer veicidade jurídica, ao total arrepio da lei tão defendida pelo sacrossanto ministro da Fazenda Rui Barbosa. Como símbolo de um passado que tinha de ser morto e enterrado para todo sempre, o vapor que carregou os **capoeiras** para o distante atol foi afundado na Baía de Guanabara pelos revoltosos da armada de 1894. No local ele ainda jaz, no fundo das águas escuras da Guanabara.

**Carlos Eugênio Líbano** é professor-adjunto do Departamento de História da Universidade Federal da Bahia.

Earle, A. *Negroes Fighting*. C. 1822. Biblioteca Nacional da Austrália



EDITORA  
**Vera-Cruz**

Tel.: (11) 3283-2631

Copyright 2004 - Nossa História